

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

VANIA MARIA SILVA BARBOZA

**CULTURA E PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA CIDADE DE PARNAÍBA
NOS ANOS SESSENTA**

PARNAÍBA - PI
2013

VANIA MARIA SILVA BARBOZA

**CULTURA E PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA CIDADE DE PARNAÍBA
NOS ANOS SESSENTA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do prof. Msc. Idelmar Gomes Cavalcante Junior.

PARNAÍBA – PI

2013

VANIA MARIA SILVA BARBOZA

**CULTURA E PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA CIDADE DE PARNAÍBA
NOS ANOS SESSENTA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, à banca examinadora da Universidade Estadual do Piauí.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^o. Msc. Idelmar Gomes Cavalcante Junior

Prof^o. Msc. Sérgio Luiz da Silva Mendes

Prof^o. Francisco José Leandro Araújo de Castro

Dedico a Deus, meu incentivador espiritual que, a todo o momento esteve comigo. Aos meus pais, que foram meus incentivadores, aqui na Terra.

E o que dizer de você Prof.º Idelmar?

Querido orientador, obrigada pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de estar realizando este trabalho

À minha família, pelo incentivo e colaboração, principalmente nos momentos de dificuldade.

Ao Tomaz por estar sempre presente na minha vida, e que, de forma especial e carinhosa, deu-me força e coragem, apoiando-me nos momentos de dificuldades,

Aos meus professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Agradeço aos meus colegas de curso pelas palavras amigas nas horas difíceis, pelo auxílio nos trabalhos e dificuldades e principalmente por estarem comigo nesta caminhada tornando-a mais fácil e agradável.

Aos meus colegas de trabalho da UESPI, especialmente à Prof.^a Rosineide, diretora do campus da UESPI de Parnaíba, à Prof.^a Rita Alves, obrigada pela ajuda, à minha amiga Silvana, ao Neydson, à Zildinha, dentre outros.

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

Fernando Sabino

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal dar visibilidade ao protagonismo cultural da juventude parnaibana diante da “efervescência artística, política e social” que ocorria nos grandes centros brasileiros nos anos sessenta. O foco do trabalho está centrado, portanto, na produção cultural dos jovens da cidade de Parnaíba, destacando, sobretudo, as possíveis articulações que existiram entre essa produção e o trabalho das vanguardas juvenis brasileiras do período, que foram responsáveis pelo surgimento de novos conceitos que alteraram de forma decisiva as tradicionais percepções sobre o real que era elaborado, até então, pela sociedade brasileira. De início nos fundamentamos em alguns autores que abordam o tema: CASTELO BRANCO (2005), CAVALCANTE JUNIOR (2007), HOLLANDA (1989), que nos proporcionaram embasamento teórico necessário ao direcionamento e compreensão da temática em foco.

PALAVRAS - CHAVE: Cultura. Juventude. Sociedade. Parnaíba. Anos Sessenta.

ABSTRACT

This study's main objective is to give visibility to the role of youth cultural parnaibana before the "artistic effervescence, and social policy" that occurred in the major Brazilian centers in the sixties. The focus of the work is centered, so the cultural production of the young city of Parnaíba, highlighting in particular the possible connections that existed between this production and the work of Brazilian youth vanguards of the period, which were responsible for the emergence of new concepts that altered substantially the traditional perceptions of the real that was drafted so far by Brazilian society. Initially we have considered a few authors who address the theme: CASTELO BRANCO (2005), CAVALCANTE JUNIOR (2007), HOLLANDA (1989), who provided us with the necessary theoretical guidance and understanding of the subject in focus.

KEY-WORDS: Culture. Youth. Society. Parnaíba. Sixties.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil

AI – Ato Institucional

CPC – Centro Popular de Cultura

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SESC – Serviço Social do Comércio

UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DECADA DE 60: TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS	12
3. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO BRASIL DURANTE A DECADA DE 60	20
4. A PRODUÇÃO CULTURAL DA JUVENTUDE NAS ESCOLAS DE PARNAIBA .	31
5. CONCLUSÃO.....	38
FONTES BIBLIOGRAFICAS	40
APÊNDICES	42

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico versa sobre a temática da produção cultural da juventude na cidade de Parnaíba na década de 60, tem como enfoque principal abordar a referida década e a produção cultural da juventude que acontecia na cidade de Parnaíba, enfatizando a relação da juventude parnaibana com estas questões. Por volta de 1964 temos o golpe militar que trouxe mudanças para a sociedade e para política instaurando um clima de censura e repressão. A música, o teatro, o cinema, etc., foram atingidos por esse clima efervescente de mudança e conquista por uma cultura nacional e liberdade em diversos âmbitos.

Admitida toda essa efervescência com relação à década de 60, acreditamos ser fundamental a necessidade de se pensar como a produção cultural que aconteceu em âmbito nacional influenciou as atividades culturais que existiam na cidade de Parnaíba durante essa década. É necessário, então, posicionarmo-nos metodologicamente diante de um objeto complexo e dinâmico. É desse vazio, dessa falta de informações sobre a produção cultural da juventude parnaibana, que este trabalho quer falar, e, para isso, é necessário evidenciar esse universo cultural da juventude parnaibana.

A pesquisa é importante por que notamos algumas lacunas que precisam ser esclarecidas, visto que alguns autores expõem o tema, mas não exploram devidamente essas questões sobre as atividades culturais na década citada.

A relevância deste trabalho está centrado, essencialmente, no esforço de compreender como era trabalhada a produção cultural dos jovens parnaibanos na década de 60, e se essa produção cultural sofreu influências do que era produzido culturalmente em âmbito nacional.

Para isso, algumas questões norteadoras foram essenciais para a elaboração deste trabalho monográfico, dentre elas temos o seguinte questionamento: quais as práticas culturais desenvolvidas pela juventude parnaibana durante a década de 60? No contexto do Brasil nos anos 60, qual era a influência dos movimentos culturais nacionais sobre a produção cultural da juventude parnaibana? A repressão cultural foi uma das mais intensas durante essa época, isto impediu que se utilizasse algumas dessas atividades culturais nas escolas?

Este é um trabalho articulado à História Cultural, onde se enfatiza o estudo dos aspectos culturais e abre-se a estudos da “cultura popular”, da “cultura letrada” e das “representações”(BARROS: 2009, p. 96).

O recorte temporal envolve a década de 60, na qual observamos uma enorme repressão cultural. Portanto, faz-se necessário investigar como foi à década de 60, no Brasil. O espaço do estudo é a própria cidade de Parnaíba, assim prioriza-se os locais e pessoas envolvidas nas transformações políticas e culturais.

A metodologia utilizada no trabalho envolveu o manuseio de materiais como: livros, jornais, almanaques, leis e decretos. Foram ainda entrevistados dois ex-alunos que participavam de algumas práticas culturais existentes nas escolas parnaibanas.

Este estudo fundamentou-se Berlinck (1984), que nos mostra como o CPC, construiu sua trajetória; Carmo (2000) retrata a produção cultural da juventude em todas as décadas; Castelo Branco (2005), Cavalcante Junior (2007), Gaspari (2000), estes analisam e discutem a década de 60, assim como a repressão que alguns setores da sociedade sofreram durante a referida década; Hollanda, (1989) o qual relata como era a cultura nos anos 60 e Mendes (2012) analisa a evolução da educação piauiense.

As informações coletadas e o referencial teórico utilizado na pesquisa resultaram nesta monografia que possui três capítulos: no primeiro capítulo, abordamos as transformações comportamentais e culturais ocorridas na década de 60 em âmbito mundial, nacional e municipal analisando as principais transformações que aconteceram na sociedade; no segundo capítulo abordamos os movimentos culturais que aconteceram tanto no Brasil como em Parnaíba e, por último no terceiro capítulo retratamos a produção cultural dos estudantes parnaibanos durante a ditadura militar na década de 60.

2. DÉCADA DE 60: transformações sociais e culturais

A década de 60 é considerada importante para a humanidade, pois foi nessa década que tivemos o surgimento de alguns aparelhos que propiciaram uma comodidade para a população brasileira, dentre eles o gravador portátil de televisão capaz de gravar até 96 minutos de som e imagem em fita para reprodução, (CASTELO BRANCO, 2005, p. 51), o computador, que era chamado de cérebro eletrônico, e, com isso, temos o desenvolvimento do chip de computador. Observamos também, o início da corrida espacial que era acompanhado por todo o mundo, primeiro os russos (1961), depois os americanos (1969). Gilberto Gil aproveitando-se do fato de o espaço está sendo explorado lança a canção Lunik 9, em seu primeiro Long Play, “Louvação”, na música observamos que Gil demonstra orgulho, mas, ao mesmo tempo preocupação com a conquista do espaço.

O termo globalização ainda não era utilizado, pelo menos não como era utilizado nos dias de hoje, mas a globalização já estava expandindo-se através de um sistema de comunicação via satélite. O canadense Marshal McLuhan, teórico da comunicação, afirmava que o mundo estava se tornando uma “aldeia global” que se “caracterizaria principalmente por um processo de mutação nas noções de tempo e espaço, o que alteraria profundamente as condições de existência para muitos sujeitos que viveram o período. Para McLuhan, enquanto a imprensa nos teria destribalizado, os meios eletrônicos estaria a partir da década de 60 a retribalizar-nos”. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 51).

O rádio, o cinema e, posteriormente a televisão foram os responsáveis pela mudança de comportamento da sociedade brasileira, principalmente da juventude que começa a adquirir novos hábitos, pois foi através desses meios de comunicação que observamos a consagração de alguns ídolos da juventude, dentre eles: os Beatles, Bob Dylan, Caetano Veloso, Gilberto Gil e de alguns movimentos contraculturais. A juventude então começa a espelhar-se nesses ídolos e nesses movimentos, com isso observamos que ela passa a apropriar-se de novos valores.

No Brasil, desde a década de 50, a classe média cada vez mais assimilava padrões de comportamento vindos de fora, a sociedade brasileira começa a ser influenciada pelo estilo de vida norte americano¹, que foi popularizado pelo cinema, faz-se necessário ressaltar que na

¹ O american way of life (ou 'estilo de vida americano') foi desenvolvido na década de 20, amparado pelo bem-estar econômico que desfrutavam os Estados Unidos. O sinal mais significativo deste way of life é o consumismo, materializado na compra exagerada de eletrodomésticos e veículos.

década de 60 o jovem encontrava diversão barata no cinema. “O preço do ingresso para estudante custava menos de 1% do salário mínimo” (CARMO, 2000, p. 42). Portanto, alguns estudantes faltavam às aulas para assistir ao último lançamento que estava em cartaz.

A televisão já se fazia presente em milhões de lares fazendo do mundo uma “aldeia global” e, por meio dela, a juventude ficava sabendo de tudo que acontecia no mundo, então aquela juventude que sempre foi vista como uma breve transição para a vida adulta, que deveria seguir o modelo de vida que a sociedade exigia, ou seja, aquele modelo em que o jovem devia trabalhar cedo, casar e constituir família vai deixando de existir, pois os anos 60 romperam com este padrão. Uma parte significativa da juventude participaram ativamente do processo histórico, lutaram por várias causas, como a liberdade política, sexual e igualdade entre os sexos, criando um ideal de juventude, portanto, “a imprensa, o rádio, a televisão e os jornais começam a tomar como pauta para a elaboração de reportagens o mundo jovem, um universo cuja visibilidade seria construído em torno do espalhafatoso e do exagerado” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 69).

Em 1964, os militares tomam o poder com a desculpa de conter o comunismo e transformar o Brasil numa economia industrial, porém, faz-se necessário ressaltar que eles tinham outros motivos, queriam na verdade conter a onda de radicalização que tomava conta do mundo e influenciava alguns jovens brasileiros.

Na década de 60, observamos, ainda o surgimento de um novo modo de vida, cuja filosofia era do “drop out”, que significava abandonar o estilo de vida tradicional, sair do seio familiar, abandonar a carreira profissional e emprego rotineiro. E um representante dessa filosofia do “drop out” foi o movimento hippie.

Cair fora é a palavra de ordem de vastos setores da juventude. Nos anos sessenta escapar das identidades, andado na contramão do progresso e fazendo um retorno a natureza. Um retorno que se fazia não exatamente no sentido de sair das cidades, mas antes, no sentido de redefinir a polis e, portanto, aquilo que é próprio dela – a política”. (CASTELO BRANCO, 2005, p.73).

Era preciso sair da opressão ocidental, buscar uma nova maneira de viver, portanto, a guerra do Vietnã em 1967 seria o estopim para aquecer o “verão do amor”. Em 15 de abril, houve uma manifestação em Nova York; essa manifestação era para celebrar a paz, o clima do movimento era “Faça amor, não faça guerra”.

No ano de 1968, observamos uma intensa efervescência em alguns países, aconteceram passeatas, contestações e agitações que rapidamente espalhavam-se pelo mundo

todo, ocorreu uma verdadeira revolução nos costumes. Havia, portanto, a necessidade de quebrar velhos tabus e destruir valores estabelecidos. Paz e amor; contra o poder das armas, o poder da flor (flower power), o poder do gay (gay power), a liberação feminista (women's lib) e o poder do negro.

O flower power não aparece a este mundo jovem apenas como uma lírica denuncia ao crescente armamento do planeta. “Paz e amor” ou o “Poder da flor” passaram a ser referências de desconstrução com “verdades eternas” que a humanidade construirá ao longo dos séculos (CASTELO BRANCO, 2005, p. 73).

Essas novas manifestações que aconteceram em diversos países foi chamado de contracultura². Esta surgiu nos Estados Unidos na década de 60, podemos compreendê-la como um movimento de contestação de caráter social e cultural. Os meios de comunicação contribuíram para a difusão de novos valores, gostos e padrões comportamentais, deixando de lado padrões religiosos e familiares, uma parte da juventude queria uma cultura alternativa, situada fora do meio sociocultural desacreditado. Ou seja, passavam a conduzir-se de forma contrária a valores estabelecidos pela sociedade que, a cada dia, estava “interessada e assustada com as manifestações cada vez mais ousadas e convictas da juventude” (CAVALCANTE JUNIOR, 2007, p. 24).

A contestação dos movimentos de contracultura culminou com a radicalização dos movimentos estudantis a partir de maio de 68. Na França este ano simboliza o sonho de transformação social, inicialmente os estudantes franceses lutavam por uma melhoria no ensino superior e, posteriormente, lutaram contra o capitalismo, a guerra, poder, etc. O maio francês não foi um fenômeno isolado, aconteceu em diversas partes do mundo.

Nos Estados Unidos, houve também uma revolta estudantil tão intensa quanto à francesa, um dos motivos foi à recusa de alguns jovens em ir para a guerra do Vietnã. Já no Brasil, uma parcela da juventude lutava contra a ditadura militar, contra a reforma educacional, o que mais tarde iria resultar no fechamento do congresso e na decretação do Ato Institucional nº 5.

² O termo contracultura foi inventado pela imprensa, nos anos 60 para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países especialmente na Europa, embora com menor intensidade e repercussão na América Latina. Na verdade, é um termo adequado por que uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente (PEREIRA, 1983, p. 13).

Isso não quer dizer, no entanto que na aldeia global, aqueles movimentos espalhados pelo mundo fossem alheios uns aos outros. Certamente havia, entre eles uma conexão que, embora não explique o motivo da emergência de cada um deles, uma vez que suas razões são distintas, deve ser considerado como um importante fator para fortalecer o ânimo daquela juventude que passava a sentir parte de um movimento planetário irresistível, embora heterogêneo (CAVALCANTE JUNIOR, 2007, p. 29).

A maior mobilização contra o regime aconteceu em 1968. Esta mobilização foi iniciada pelos estudantes que começaram o ano reivindicando reformas do ensino, mais vagas e verbas para a educação. Vários fatos marcaram esse ano, tais como: o assassinato de um estudante secundarista no Rio de Janeiro, no restaurante Calabouço. Os estudantes protestavam, também, contra as precárias condições do funcionamento do restaurante, a elevação do preço das refeições e alimentação de má de qualidade. Estes protestos ocasionaram a invasão do respectivo restaurante pela polícia e a morte do estudante Edson Luís.

A morte de Edson Luís ocorreu no dia 28 de março, num protesto pela melhoria das condições de higiene e funcionamento do restaurante Calabouço. O local, desde antes do golpe de 64, era um importante ponto de encontro do movimento estudantil e naquele fatídico dia receberia, como era costumeiro, centenas de estudantes que procuravam, ali, alimentação barata. Devido à frequente concentração estudantil, quase sempre havia protestos, o que vinha despertando a sanha repressora da Ditadura (CAVALCANTE JUNIOR, 2007, p. 34).

As manifestações dos estudantes entravam em choque com a polícia que era enviada para reprimir os protestos contra o regime militar, entretanto, o ponto alto das manifestações contra a ditadura militar foi a “Passeata dos Cem Mil” em junho de 68, que levou uma parte da população às ruas contra o regime autoritário.

Do alto das janelas a cidade jogava papel picado. Catedral frentista, a passeata dos Cem Mil saiu da Cinelândia, jovem, bela e poderosa. Parecia o funeral do consulado militar. Ouvida, era maravilhoso anacronismo político. O slogan mais repetido da manifestação anunciava o fim do regime. Um pedaço gritava: “o povo organizado derruba a ditadura”. Outro pedaço corrigia: “o povo armado derruba a ditadura”. Não se contrapunham, completavam-se” (GASPARI, 2009, p. 296).

A “Passeata dos Cem Mil” reuniu estudantes, intelectuais, artistas, padres e mães, que protestavam contra a repressão e a violência policial, que assustava a classe média. Outro fato relevante aconteceu em outubro de 1968, quando a polícia militar prendeu 920 estudantes num sítio em Ibiúna (São Paulo), esses jovens participavam de um congresso clandestino da UNE.

No final de 1968 o presidente Costa e Silva impõe medidas severas, decreta o fechamento do congresso e criação do Ato Institucional Nº 5, em dezembro de 1968, que exigia um controle mais efetivo dos órgãos de imprensa e entretenimento estabelecendo censura prévia aos jornais, revistas, letras de músicas, peças de teatro e falas de cinema. Com o AI-5, a repressão se tornaria mais violenta para aqueles que manifestassem oposição ao regime militar. Este ato permitia que a polícia efetuasse investigações, perseguições e prisões de cidadãos sem necessidade de mandato judicial.

O AI-5 fechou todas as vias democráticas de protestos e desarticulou todos os movimentos sociais de resistência ao governo militar, principalmente o estudantil, ao desencadear uma forte repressão. O artigo 10 do AI-5 relatava que “ Fica suspensa a garantia de *habeas corpus* nos casos de crimes políticos contra a segurança nacional”. Com o AI-5, começou mais uma onda de cassações e demissões. Várias pessoas foram perseguidas, dentre estas professores universitários e estudantes. Alguns órgãos da imprensa e outros meios de comunicação passaram a sofrer censura rigorosa, sobretudo alguns jornais que precisavam avaliar o conteúdo de suas matérias que seriam publicadas.

No Rio de Janeiro, o Jornal do Brasil, empregando uma linguagem figurada na sua seção de meteorologia crítica a criação do AI-5 e tenta mostrar a dimensão dos acontecimentos, essa matéria foi divulgada um dia depois da decretação do AI-5 em dezembro de 1968. A mesma relatava que: “ Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx.: 38°, em Brasília. Mín.: 5°, nas Laranjeiras” (JORNAL DO BRASIL, 1968. p. 01).

No Piauí, também houve repressão, porém, nada comparado ao que aconteceu em âmbito nacional. O regime militar reprimiu a imprensa (rádios e jornais), chegando a visitar constantemente as redações das rádios e jornais. Segundo Santos, em seu livro *a História do Piauí* (2009, p. 373), eles chegavam numa “roquete” barulhenta, mas entravam calados, abordavam quem estavam de plantão, puxavam um papelzinho cuidadosamente enrolado e liam a ladainha: “De ordem das autoridades de segurança da área, fica terminantemente proibida a divulgação de notícia contrária sobre...”. Os empresários não se atreviam a contrariar a ordem estabelecida.

Em Parnaíba, cidade litorânea, localizada ao norte do estado do Piauí, também houve repressão. Embora haja poucas informações históricas sobre estas repressões na cidade, nessa cidade as pessoas também eram presas e isso acontecia sempre à noite, deixando as famílias que viviam no local citado preocupadas com esse clima de repressão.

[...] Foi um período de longa truculência que atingiu não só grandes cidades, as menores também [...] Mencionando nossa pequena gleba, diríamos que desde os primórdios, até nossos dias estudiosos, pesquisadores, historiógrafos, dedicavam-se ao seu resgate. Ela também sofreu juntamente com seu povo, os ditames da ditadura. Pressões, prisões aos cidadãos, ocorreram às caladas das noites. Famílias nervosas procuravam abrigo nas residências dos compadres políticos (amigo). Um grande sofrimento perturbou o dia- a- dia da cidade, que nada tinha a oferecer. Parnaíba foi cientificamente desenvolvida, organizada e montada sobre pilares políticos, o que levou a viver sempre, em clima de política violenta e acirrada, o que contam os antigos habitantes. A vez era dos coronéis, chefes majoritários de poder; suas ordens sempre cumpridas jamais esquecidas. Se hoje, no dia das eleições ainda surgem tumultos e etc; outrora que a forma de votar era bem diferente, os soldados responsáveis pela ordem e disciplinas da cidade usavam carabinas, espingardas e rifles; assim, a oposição não tinha vez. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 2004, p. 45).

Em setembro de 1965, temos o seguinte esquema político: o prefeito de Parnaíba na época era o Dr. Lauro Correia do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o governador do Estado era Petrônio Portela da Arena e no planalto central Castelo Branco.

O Almanaque da Parnaíba (1999, p.199) relata um incidente que aconteceu em 1965 entre o capitão dos portos, o senhor Manoel Jansen Ferreira Neto e alguns integrantes do PTB que estavam participando de uma reunião com alguns líderes do PTB estadual, dentre eles o deputado federal João Mendes Olímpio de Melo, o deputado estadual Manoel Nogueira Filho, o advogado Ocílio Lago Filho e o coronel Pedro Borges, essa reunião aconteceu sábado à noite no Hotel Palace, tudo começou quando o capitão dos portos insultou os membros do PTB parnaibano, chamando-os de comunistas.

No dia seguinte o coronel, Pedro Borges, sentindo-se ofendido com o comentário foi perguntar ao capitão dos portos por que ele havia chamado os integrantes do PTB de comunistas. O coronel chegou para o comandante e afirmou: “ nós não somos comunistas, somos petebistas” a partir desse questionamento, houve uma grande discussão chegando a agressões físicas. O comandante mandou uma guarnição prender vários membros do PTB parnaibano. Alguns foram presos, dentre eles Elias Ximenes do Prado, que não tinha participado da confusão. No final desse acontecimento, o que restou foi um mero processo judicial.

Recentemente um trabalho de monografia intitulado “Ditadura Militar e repressão política na cidade de Parnaíba entre os anos de 1964 a 1985”, retratou esse período de repressão. Segundo o autor do trabalho, Vamberto Marinho do Nascimento Junior, a cidade de Parnaíba não passou por uma ditadura militar e sim por um regime autoritário, quando

alguém era preso poderia recorrer à justiça. Nascimento Junior (2010, p. 33) afirma que “o AI-5 legalizou as ações militares, porém, na cidade de Parnaíba, as pessoas contrárias ao movimento poderiam recorrer judicialmente de qualquer repressão militar no período”. As prisões de algumas pessoas da cidade serviram como uma forma de conter as ações dos partidos contrários ao regime militar. Observamos que não houve torturas, somente prisões.

Os grupos políticos ligados à ditadura utilizavam-se da força militar para impedir a posse dos candidatos da oposição, a maioria das acusações estava relacionada ao comunismo. Esse tipo de acusação não acontecia somente em Parnaíba, mas em todo o Piauí e tinha o intuito de confundir os eleitores para não votar nos candidatos do PTB. Para Barros (2006, p.160) “a tática de acusar de comunistas os adversários largamente usada na campanha, não só através de rádios, como por meio de jornais com o fim de confundir o eleitor, imputava-se aos petebistas os piores propósitos.

Quem não apoiava a nova ordem corria o risco de ser considerado subversivo ou comunista. Em Teresina professores, profissionais liberais, trabalhadores, dentre outros, foram presos, as celas dos quartéis militares ficaram cheias. Em Parnaíba, a repressão não foi tão grande, as prisões limitavam-se a algumas pessoas que se manifestavam contra o regime ou que não apoiava o candidato que comandava a prefeitura.

Os militares participaram ativamente da vida política brasileira e atuaram em todos os estados brasileiros. O golpe militar dos brasileiros não foi um caso isolado na América. Os generais tomaram o poder também na Argentina, Bolívia, Chile, etc., os regimes militares que se instalaram nesses países e, inclusive no Brasil, tinham como objetivo conter o comunismo.

A sociedade vivia em constante vigilância, principalmente aquelas famílias que possuíam filhos e filhas participando ativamente das manifestações contra o regime, “a sociedade, como era planejada, é então corrompida e no lugar de jovens “ordeiros” e reprodutores do sistema, surgem corpos cada vez mais indóceis, verdadeiros marginais dispostos a, golpe por golpe, transformar a sociedade” (CAVALCANTE JUNIOR, 2007, p. 22). Qualquer forma de manifestação contra o regime era violentamente reprimido.

O movimento estudantil se uniu a jovens teatrólogos, cineastas e compositores que já vinham desenvolvendo seus trabalhos e que iria contribuir para a construção de uma cultura brasileira. Apesar de todo este clima de repressão e violência, os movimentos culturais foram conquistando espaço, os festivais aconteciam, peças eram encenadas, algumas se

tornaram importantes, os filmes também ganharam espaço, um novo tipo de cinema surgia, denominava-se Cinema Novo.

3. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO BRASIL DURANTE A DÉCADA DE 60

A década de 60, no Brasil, foi marcada por uma profunda agitação política e o surgimento de alguns movimentos culturais. Durante a referida década, observamos o surgimento de cultura engajada³ dos centros populares de cultura, “atraindo jovens, intelectuais, os CPCs – que aos poucos se organizavam por todo o país – tratavam de desenvolver uma atividade conscientizadora junto às classes populares. Um novo tipo de artista, “revolucionário e consequente”, ganhava forma”(HOLLANDA, 1989, p. 09). Alguns representantes da Bossa Nova começam a aderir à canção de protesto⁴, dentre eles Nara Leão, cujo objetivo era conscientizar as classes populares; o teatro e o cinema também tinham o mesmo propósito.

Por hora, tomava forma nos pontos de encontro – entre os quais Opinião era obrigatório – certos signos de uma “cultura do protesto”. Nascia o novo design do novo revolucionário. Nara Leão, ex-musa da alienada Bossa Nova, agora musa do protesto, de punhos cerrados, atraía a atenção dos estudantes, do intelectual, do jovem contestador de esquerda (HOLLANDA, 1989, p. 24).

Observamos, também, que a cultura de consumo, voltada para o público jovem, em que tudo que era produzido pelos artistas, era consumido pela juventude, representada pela Jovem Guarda. O Tropicalismo surge sobre a liderança de Caetano Veloso e Gilberto Gil, tiveram como inspiração o antropofagismo das vanguardas modernistas do Brasil dos anos 20, com isso, observamos que as artes no Brasil cresciam e incorporaram diversas inovações apesar do momento repressivo em que se encontrava o país. Faz-se necessário então conceituar o termo cultura, que pode ser compreendido como um sistema de valores fundamentais de uma sociedade. Perez Gomes (2001, p.17), assume que cultura é:

[...] como um conjunto de significados, expectativas e comportamentos, compartilhado por um determinado grupo social, o qual facilita, limita, ordena e potência, os intercambios, as produções simbólicas e materiais e as relações individuais e coletivas dentro de marco espacial e temporal determinado. A cultura, portanto é o resultado da construção social, contingente as condições materiais, sociais e espirituais que dominam um espaço e um tempo.

³ Cultura voltada para conscientizar o povo, tinha o objetivo de levar as massas uma cultura nacional e autentica que denunciase os aspectos da vida social brasileira.

⁴ Canções com o intuito de chamar a atenção do ouvinte para um determinado problema e retratavam a temática social, onde observamos mensagens de protesto contra o regime ditatorial.

Durante a referida década, surgiram várias produções culturais, dentre elas, aquelas patrocinadas pelos CPCs da UNE, teatro Arena e Oficina, Cinema Novo, Tropicalismo, dentre outros. Os centros populares de cultura (CPCs) fundados em 1961, mas só chegaram a funcionar em 1962, através de suas produções procuravam levar as favelas e subúrbios uma cultura de protesto e denúncia, surgindo à união entre política e cultura. Os CPCs eram organizados por todo o país possuíam autonomia administrativa e financeira, cujos participantes eram jovens intelectuais e sua direção era eleita através de uma assembleia geral, desenvolviam uma cultura engajada com o intuito de levar as classes populares uma “arte revolucionária”, na qual teriam uma atitude conscientizada.

Os CPCs começaram a produzir peças com atitudes conscientizadas e encenavam essas peças em favelas, portas de fábricas e sindicatos. Publicavam também cadernos de poesias e fizeram alguns filmes.

Ligado a UNE, surgia no Rio de Janeiro, em 1961, o primeiro Centro Popular de Cultura, colocando na ordem do dia a definição de estratégias para a construção de uma cultura “nacional, popular e democrática”. Atraindo jovens intelectuais, os CPCs - que aos poucos se organizavam por todo o país – tratavam de desenvolver uma atividade conscientizadora junto às classes populares. Um novo tipo de artista “revolucionário e consequente”, ganhava forma. (HOLLANDA, 1989, p. 09).

No Rio de Janeiro, o CPC produziu a peça Eles não usam black-tie de Gianfrancesco Guarnieri, que pela primeira vez retratou cotidianos e conflitos do povo brasileiro. Esta peça foi encenada pela primeira vez em 1958, quando o cinema novo começava a surgir, ela passava-se em uma favela e os personagens eram os operários e moradores da própria localidade. A mesma ainda, tem como tema as greves, posições ideológicas e morais entre o pai e o filho. Otávio, o pai, é um operário conhecedor das leis e admirador de autores socialistas, transforma-se em líder de algumas greves e, por isso, foi preso algumas vezes; Tião, o filho, não convivia muito com o pai nem apoiava suas manifestações de apoio à greve, acreditava que a greve não levaria nada e que as reivindicações dos grevistas não seriam aceitas, era o único a não aderir a greve, devido a tal atitude acaba perdendo a amizade de quase todos os participantes do movimento grevista. A peça, portanto retrata uma camada específica da sociedade, na qual percebemos a participação dos personagens em conflitos sociais, temas que são amplamente explorados nos dias de hoje.

Um filme que merece destaque é Cinco Vezes Favela, de 1962, que retrata a história de cinco personagens. Faz-se necessário ressaltar que as histórias são separadas e cada uma delas com diretores diferentes. O primeiro episódio: “Um favelado”, dirigido por

Marcos Farias retrata a história de João, um favelado que não consegue pagar seu aluguel é espancado e algum tempo depois termina envolvendo-se em um pequeno assalto. O segundo episódio: “Zé da Cachorra”, dirigido por Miguel Borges mostra como um líder de favela fica revoltado, pois seus companheiros aceitam passivamente o suborno de um milionário que quer se apossar do terreno onde a favela está situada para construir um edifício. O terceiro episódio: “Escola de samba alegria de viver”, dirigido por Cacá Diegues retrata a vida de um jovem sambista e seus problemas, dentre eles: a direção da escola de samba, dívidas e discursões com a esposa. O quarto episódio: “Couro de gato”, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, realizado independentemente, ganhou vários prêmios e foi anexado ao filme, este episódio mostra a vida de alguns meninos no morro, eles roubavam gatos e vendiam-nos para os fabricantes de tamborins, pois utilizavam o couro do animal na fabricação dos tamborins, os donos dos gatos começam então a perseguir os garotos que perdem quase todos os gatos. Um dos garotos consegue ficar com um dos gatos, porém, como não tem condições de alimentá-lo acaba vendendo o animal para o fabricante de tamborins. O quinto e último episódio: “Pedreira de São Diogo” dirigido por Leon Hirszman retrata mais uma vez a favela e suas péssimas condições de vida, essa favela ficava em cima de uma pedreira que utilizava dinamites em suas explosões, o local, então, estava correndo o risco de desabar a qualquer momento, os operários da pedreira, desse modo incentivam os moradores da favela a fazer manifestações para que não aconteça um desastre para que não aconteça um desastre.

O filme Cinco Vezes Favela é muito importante para o cinema brasileiro, pois retrata o perfil das pessoas que viviam na favela.

[...] o ladrão da favela não é ladrão porque não queria trabalhar, mas porque não encontra serviço e precisa comer, é a sociedade que o faz ladrão (Um favelado). Se o favelado não tem onde dormir é porque até os barracos da favela pertencem a um rico proprietário que dispõe de seus bens a seu bel prazer (Zé da Cachorra). Se o favelado preocupa-se mais em organizar as festas da escola de samba do que em participar da vida sindical para alterar a sociedades, tudo ficará na mesma (Escola de samba alegria de viver). (BERLINCK, 1984. p. 33).

O teatro de agitação surgiu a partir de duas peças: O auto do tutu tá no fim, era uma peça apresentada em praça pública e foi severamente reprimida pela polícia. Esta repressão deu origem à outra peça o Auto dos Cassetes que também era apresentada em praça pública. Esse tipo de peça recebeu varias denominações, dentre elas: comício dramático, peça de agitação ou ainda teatro de agitação. O CPC publicou também os Cadernos do Povo Brasileiro e outras publicações de cordel.

Para os cpcistas eram os intelectuais que levariam cultura as massas, acreditavam que algumas manifestações populares não visavam pretensões políticas. As peças teatrais começaram, dessa maneira, a ser encenadas em lugares que o povo encontrava-se, era um tipo de teatro imediatista, peças com conteúdos que a população compreendia. Ortiz (1985, p. 114) afirma que “para o ativista do CPC o conteúdo estético “ demasiadamente trabalhado” dificultaria o desenrolar do processo político da tomada de consciência. As propostas do CPC eram de se abandonar as preocupações estéticas”.

Alguns fatores foram importantes na trajetória do CPC da UNE, dentre eles, a publicação de 24 números dos Cadernos do Povo Brasileiro e a realização do I Festival de Cultura Popular. O CPC se extinguiu em 1964 juntamente com um incêndio que destruiu a sede da UNE no Rio de Janeiro.

Uma das primeiras respostas ao golpe tem início em dezembro de 1964, em que temos a estreia do musical “Opinião”. Participavam do musical o carioca Zé Ketí, o maranhense João do Vale e Nara Leão. O público era formado por jovens contestadores de esquerda, estudantes, intelectuais, dentre outros. Pessoas que se manifestavam de várias maneiras, desde o modo de vestir, até o modo de falar e cantar. O que ditava moda na referida década eram a minissaia que as moças ao vestirem tal peça passavam a exhibir mais o corpo, essa atitude escandalizou alguns setores da sociedade, dentre eles a Igreja Católica, que chega a afixar nas portas das igrejas advertências onde as moças teriam que optar entre as minissaias e o céu. “As minissaias - provavelmente a peça síntese da roupa jovem de então – promoveriam uma erotização dos corpos que teria reflexos em diferentes âmbitos do social” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 70), os rapazes passavam a adotar cabelos longos, uma atitude considerada obscena e imoral “Usar cabelos compridos no período, não é apenas deselegante, é acima de tudo obsceno e imoral” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 89).

Reunindo um público jovem, o show parecia interpretar o sentimento de toda uma geração de intelectuais, artistas e estudantes naqueles dias em que a realidade do poder militar afigurava-se como um fantasma do imaginário da revolução brasileira. Para espanta-lo, surgia um novo imperativo: falar, cantar, manifesta-se (HOLLANDA, 1989, p. 23).

A Bossa Nova também sofreu modificações, uma parte do movimento bossa novista sofreu evolução no estilo e voltou-se para a “canção de protesto” que era a arte em prol da transformação e identidade. Apresentavam letras com conteúdos políticos e sociais, com isso as novas canções também se tornaram instrumentos de conscientização das camadas

populares. Observamos que a bossa nova que antes tinha um padrão estético, agora se voltava para o campo da reflexão, de alusões à esperança e a resistência.

Tratava-se de expressar, contra o autoritarismo que subia ao poder, a determinação a denúncia e ao enfretamento. “Mais do que nunca, é preciso cantar”, sugeria a voz de Nara Leão entoando a Marcha da Quarta Feira de Cinzas, nesse momento de investida de todo um universo de alusões à esperança e à resistência (HOLLANDA, 1989, p. 23).

O teatro buscava agora a constituição de uma dramaturgia comprometida com as lutas de classes subalternas da sociedade brasileira, dois grandes teatros se destacaram: o Teatro Arena que se caracterizou como um “teatro revolucionário”, tinha como proposta discutir a realidade brasileira, e a partir de suas peças levantava inúmeras questões, os personagens principais eram os trabalhadores e seu cotidiano. O arena seguia um viés de esquerda e a partir de suas peças tentavam conscientizar o povo e levar arte aos que não tinham oportunidade de ir ao teatro, visto que era apresentado nos lugares onde o povo estava.

A plateia era formada pelas classes intermediárias da sociedade. O teatro oficina, fundado em 1958, por José Celso Martins Correa, Renato Borghi, Carlos Queiroz Telles, dentre outros, o teatro localizava-se na Faculdade de Direito do largo do São Francisco. O Oficina surgiu a partir de peças escritas por seus próprios componentes. Assim como o Teatro Arena, o Teatro Oficina também assumiu uma postura crítica em determinados fatos do cotidiano dos brasileiros.

O teatro oficina foi um importante centro de resistência durante os anos em que o país vivia sob um regime autoritário. Ele permitia a participação ativa do público e não havia fronteiras nem tabus. Em maio de 1966, houve um incêndio no teatro oficina, porém, este foi reconstruído e a peça de inauguração do novo teatro oficina foi em 1967, com a peça o “Rei da Vela”, uma obra de Oswald de Andrade, essa peça contava a história de Aberlado I, o Rei da Vela, um agiota inescrupuloso que emprestava dinheiro e cobrava juros altíssimos, cobrava tudo e deixava a pessoa sem nenhum centavo. A peça é considerada o primeiro texto modernista para o teatro. A oficina desenvolveu-se como o “espetáculo-manifesto”, assumia uma postura crítica diante dos fatos que acontecia na sociedade.

Na área teatral encenava-se o grande espetáculo, na linha tão bem cuidada quanto comportada do Teatro Brasileiro de Comédia. Em contrapartida, surgiam novas experiências, como o Teatro de Arena e o Oficina que ao longo dos anos 60 desempenharia um papel renovador e crítico no meio teatral (HOLLANDA, 1989, p. 33).

Nesse período o cinema encontra um ambiente favorável e surge com o propósito de fugir dos filmes produzidos pela indústria cinematográfica norte-americana e europeia. A partir do cinema novo temos filmes que mostram a realidade brasileira, dentre eles podemos citar o filme de Glauber Rocha, *Terra em Transe* lançado em 1967. Glauber Rocha e Nelson Pereira Santos foram os iniciadores desse novo modo de fazer cinema. A palavra de ordem era: “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”.

Os filmes caracterizavam-se por imagens sem movimento, diálogos longos e cenários simples. *Terra em Transe* inova a partir do momento que nos proporciona olhares para a cultura e para a política do Brasil. Percebemos isso quando Glauber Rocha relata que: “No Brasil o cinema novo é uma questão de verdade e não de fotografismo. Para nós a câmera é um olhar sobre o mundo, o “travelling” é um instrumento de conhecimento, a montagem não é demagogia, mas pontuação do nosso ambicioso discurso sobre a realidade humana e social do Brasil” (HOLLANDA, 1989, p. 39).

Glauber guiava-se para a representação extraordinariamente crítica do Brasil populista e do modelo de intelectual revolucionário que se desenharia. Seu filme constituiria o ponto alto do cinema novo após 64, pois seu “texto” era marcado por informações modernas. Apesar das dificuldades que enfrentavam as produções nacionais, o cinema novo surge lentamente e vai buscando meios de consolidar-se. A década de 60 foi então muito importante para o cinema nacional, pois surgiram novas formas de contestar a política e denunciar as injustiças, pois como sabemos, nessa década temos um período de extrema repressão.

No ano de 1965 temos o início dos grandes festivais. O primeiro foi realizado na TV Excelsior, em São Paulo. Os vencedores do I Festival de Música Popular foram Edu Lobo, com a Música “Arrastão”, a interpretação coube a Elis Regina. No II Festival de Música Popular, os vencedores que empataram em primeiro lugar foram Chico Buarque com a música “A banda” e Geraldo Vandré com a música “Disparada”. Em 1967, temos mais uma vez a vitória de Edu Lobo, desta vez em parceria com Capinam, a música vencedora foi “Ponteio”. Os grandes festivais eram um sucesso. No referido ano, observamos a presença marcante dos estudantes que mais uma vez participavam ativamente dos festivais.

Promovidos por estações de TV, os festivais tornaram-se aos poucos um novo espaço de aglutinação e manifestação coletiva. As canções, colocadas em competição, atraíam um grande público que manifestava-se sob formas de verdadeiras “torcidas”, procurando interferir com vaias e aplausos na escolha das composições vencedora. A presença em massa da juventude estudantil, que assumia um papel crescente ao regime de 64, envolvia as

apresentações num ambiente de acalorada participação, onde se torna adepto desta ou daquela música. (HOLLANDA, 1989, p.57).

Temos também um novo estilo despontando na década de 60, trata-se da Jovem Guarda, que também merece destaque, pois foi bastante atuante. A Jovem Guarda depois transformou-se em programa de televisão, cujo nome era o do próprio movimento. Observando o crescimento do mercado de jovens consumidores a TV Record lança um programa para os jovens em que percebemos o início do chamado “marketing”, tudo que os artistas da jovem guarda usavam era comercializado, eram vendidos cadernos, roupas, bolsas, etc., todos os jovens queriam está na moda, todos queria andar igual aos cantores. Observamos claramente o surgimento de uma produção de consumidores. Esse programa era formado pelos principais representantes da jovem guarda, são eles: Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia, o símbolo do programa era um “Calhambeque”. O programa era um sucesso.

Enquanto a velha guarda era do rádio fazia sucesso, mas terminava pobre, a jovem guarda da era da tevê, ditava moda inaugurando o chamado marketing com a venda de chaveiros, cadernos, calças, com estampas do calhambeque, símbolo de Roberto Carlos, e outros dos demais membros do grupo, como a Ternurinha (Wanderleia), e Tremendão (Erasmo Carlos). (CARMO, 2000. p. 43)

Um fato importante que aconteceu em 1967, no III Festival de Música Popular na TV Record, foi a presença marcante de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que causaram polêmica ao interpretar suas músicas, Caetano com sua música “Alegria, Alegria” e Gil com a música “Domingo no Parque” tiveram a participação das guitarras dos Beat e dos Mutantes que inovaram ao misturar o arcaico e o moderno e, com isso, criou - se o novo estilo, o Tropicalismo que a partir de uma estética inovadora trabalhava a estética em um mesmo plano, onde percebemos as contradições de uma modernização subdesenvolvida por meio de um novo tipo de arte, “Os tropicalistas abusavam do confronto e da mescla de elementos modernos com arcaicos, elaborando um painel crítico e de síntese, no qual conviviam guitarras e zumbumbas, rock e seresta, bossa e palhoça, (...)” (CARMO, 2000, p. 68).

Um dos exemplos desse estilo é o lançamento do disco – manifesto do movimento tropicalista, no mesmo, percebemos a síntese das propostas estéticas da linguagem tropicalista, participaram desse LP, o grupo baiano (Caetano, Gil e Gal), Tom Zé, Torquato Neto, Capinam, Os Mutantes, Nara Leão (musa da bossa nova), dentre outros. Com essas participações no LP, percebemos uma mistura de estilos. Torquato Neto, poeta da tropicália afirmava que “existia muitas maneiras de se fazer música e eu prefiro todas”. A partir dessa

frase de Torquato, percebemos como esse movimento social/musical abrangia todos os estilos desde a bossa até o rock.

Entre os anos de 1967-1969, observamos várias manifestações contra a ditadura militar, mas o ano que fica marcado como o das transformações no Brasil é o de 1968, onde observamos uma participação mais ativa dos jovens. Neste contexto, tornaram-se famosos os Festivais de Música promovidos pela TV Record a partir de 1965. Todas as manifestações culturais dos anos 60 contribuíram para que em 1968 explodissem revoltas em diversos países que contestavam a política e a sociedade.

Na França em 1968, observamos o início de um movimento contra a precária situação em que encontrava-se o ensino superior, depois temos a insatisfação com o crescimento do capitalismo, o consumo, a guerra, etc. Durante o mês de maio ocorreram várias manifestações, os estudantes articulavam manifestações pela melhoria do ensino superior e para evitar protestos o governo francês ordena o fechamento da Universidade de Sorbonne. Os estudantes franceses organizaram um protesto contra o fechamento da Universidade. Em razão disto a polícia foi chamada, houve um confronto e vários estudantes foram presos.

No dia 10 de maio houve outro confronto que ficou conhecido como Noite das barricadas, onde aproximadamente 20 mil estudantes enfrentaram a polícia, esses jovens utilizaram como arma o calçamento das ruas de Paris. Em meio a toda essa efervescência os trabalhadores franceses decretavam uma greve geral durante 24 horas e os estudantes ocuparam a Universidade. Após várias manifestações, o governo francês resolve negociar com os operários, eles conquistaram algumas vitórias trabalhistas. A polícia invadiu a Sorbonne que continuava ocupada pelos estudantes, prendeu alguns estudantes e outros ficaram feridos.

O “maio francês” foi um acontecimento emblemático do que representou 1968, repercutindo também no Brasil, principalmente nas ações do Movimento Estudantil, que lutava contra a ditadura militar, reforma educacional, etc. No país aconteceram várias manifestações contra o regime. Os movimentos sociais e culturais sofreram um golpe com a promulgação do AI-5 em 1968, portanto, qualquer manifestação contra o governo era reprimida violentamente, estudantes foram presos, um estudante foi assassinado, artistas foram presos e depois exilados. Caetano Veloso e Gilberto Gil, por exemplo, ficaram quatro meses presos e em 1969 foram exilados em Londres.

“Um golpe dentro do golpe” como foi chamando o Ato Institucional de número 5, o primeiro golpe aconteceu em 1964, com o início da ditadura militar; o segundo aconteceu em 1968, com o AI-5 dando início aos chamados “anos de chumbo”. O AI -5 foi muito repressivo, pois proibia as manifestações populares de caráter político, suspendia o direito de *habeas corpus* (em casos de crime político, crimes contra ordem econômica, segurança nacional e economia popular), impôs a censura prévia para jornais, revistas, livros, peças de teatro e músicas, dentre outros e resultou na prisão de várias pessoas que estavam contra o regime ou expressavam seu descontentamento com o mesmo.

Em 1960 a pequena cidade de Parnaíba, estava iniciando sua produção cultural e era influenciada pela produção cultural que estava acontecendo em âmbito nacional. Parnaíba é uma pequena cidade portuária que, ao longo dos anos, atraiu inúmeras pessoas vindas de diversos estados da federação, vinham em busca de melhores dias. A cidade estava crescendo e as formas de lazer se diversificando. Até a década de 1960 a principal atividade econômica era o extrativismo agrícola da carnaúba e do babaçu.

Durante essa década, Parnaíba foi um importante centro comercial, chegando a ser um dos maiores centros comerciais do nordeste, vale ressaltar também que a cidade desenvolveu ao redor do Porto das Barcas, pois era nas redondezas do porto que se localizavam as principais empresas de grande porte, dentre elas: Morais S.A, Casa Inglesa, Casa Marc Jacob e Pedro Machado S.A, que realizavam a exportação de matérias primas, entretanto, apesar de todo esse desenvolvimento a cidade passava por crises, um bairro da cidade que ficava próximo ao porto, sofria com a falta de compromisso dos políticos, esse bairro era o Bairro da Coroa, hoje conhecido como Bairro do Carmo. Um importante jornal da cidade denominado Norte do Piauí, em sua edição do dia 10 de junho de 1969, traz uma manchete denunciando essa falta de compromisso, o título da manchete era “Coroa mergulhada nas trevas com matagal e buraqueira”.

O populoso e central Bairro da Coroa (hoje Bairro do Carmo) sempre viveu à margem dos administradores que só se recordam da sua existência nos períodos de eleição [...]. A sofredora Coroa se acha as voltas com um matagal que chega a interromper o trânsito e uma buraqueira ocasionada pelas águas do inverno, que impede até pedestres em certas áreas [...] (NORTE DO PIAUÍ, 1969. p. 03).

Como toda cidade tem seus problemas, a pequena cidade de Parnaíba também tinha os seus, entretanto, isso não impediu que algumas manifestações culturais ocorressem na cidade. O teatro nesse local teve início nos anos 50, primeiramente nas residências, as peças

eram improvisadas, mas havia muitas cenas em cada ato. É relevante citar que nos anos 50, a renda dos ingressos das peças era destinada para as igrejas da Ilha Grande de Santa Izabel e São Sebastião.

Na década de 60 o SESC (Serviço Social do Comércio), começa a proporcionar novas formas de lazer, pois, nesse período, a sociedade ainda não desfrutava da televisão, portanto, o teatro e o cinema eram o meio de diversão mais apreciável. Nesse período, observamos que o Grêmio Teatral Ranulfo Torres Raposo foi um dos primeiros grupos de teatro do SESC em Parnaíba. A diretoria artística ficava sob o comando de Maria Bittencourt Lopes (Dona Maroca, como era conhecida). Segundo Rozenilda Castro (2000, p. 66) os textos eram encenados e na maioria eram feitos coletivamente pelo grupo”. Algumas peças destacaram-se, dentre elas: “UM DIA COMO ESTE”, AUTO DE NATAL”.

Outro grupo de teatro que merece destaque é o JUTEP que segundo Rozenilda Castro o significado da sigla foi apagado com o tempo. Esse grupo era coordenado por José Wilson que no final da década de 60, montou um espetáculo cujo título era “M3, MISSÃO MATAR OU MORRER, esta peça foi apresentada no salão São Francisco, ao lado da Igreja de São Francisco no Bairro da Guarita, posteriormente, a peça foi apresentada no auditório do SESC, em 1967.

Segundo Campelo (1993, p. 34), foram montados outros espetáculos pelo Grêmio Teatral Ranulfo Raposo, entre os quais ele destaca o “NASCIMENTO DE CRISTO”, O MÁRTIR DO DEVER”, “ UNIVERSITÁRIO MORRE AS OITO”, dirigido por Paulo de Tarso Liborio, que fazia sua estreia no teatro. E assim temos um perfil do teatro parnaibano durante a década de 60.

Alguns grupos musicais surgiram nas escolas e um deles foi o conjunto do Colégio das Irmãs, esse conjunto ensaiava no palco do colégio e quando este não estava disponível para os ensaios eles iam para a casa de alguns dos componentes do grupo, quase sempre o ensaio era na casa de Valéria Carvalho, ex-primeira dama da cidade de Parnaíba que, naquela época, morava no Bairro da Guarita. Outra banda que merece destaque são “ Os Bárbaros, que ensaiavam com instrumentos do SESC e apresentavam-se no Igara Clube e na AABB da Praça da Graça. Esta banda fez várias apresentações, sendo que a última ocorreu em 27 de fevereiro de 1968, no baile das debutantes de Parnaíba. Outra banda surgiu em 1968 e denominavam-se Os Apaches, apresentavam-se com figurinos indígenas e foi a primeira banda a participar de um programa de televisão - TV Ceará.

Os bárbaros permaneceram em atividade até sua última apresentação, durante a Festa de Debutante de Parnaíba realizado na AABB da Praça da Graça, em março de 1968. Infelizmente, assim como a própria praça, o clube não mais existe. Em seu lugar foi erigido um prédio que abriga a Caixa Econômica Federal e que sepultou em definitivo, toda uma época de glamour e de lirismo que Parnaíba jamais vivera novamente (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1996, p.185).

Havia também uma banda chamada “The Clevers” que era uma banda que representava a Jovem Guarda na cidade, “The Clevers” tornou-se bastante popular e fazia muito sucesso. A banda gravou em compacto simples, versão de uma música dos Beatles chamada de “No Reply”, que recebeu em português o título de “Sem Resposta” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1996, p. 183).

Em virtude destes fatos aqui mencionados, percebemos que apesar de toda a efervescência ocorrida no cenário nacional, tanto na política quanto na cultura, a pequena cidade de Parnaíba encontrava-se ainda bastante tímida em termos de inovações artísticas.

Os governos militares sempre tiveram grande preocupação com o campo da educação e da cultura, pois estes seriam os principais canais por onde passaria as ideologias, principalmente nas escolas e universidades onde o movimento estudantil ganharia força, visto que foi em 68 no interior das universidades que teve início as principais reivindicações, e como sabemos uma das reivindicações dos estudantes era por uma melhor qualidade no ensino superior e mais vagas na universidade.

A juventude parnaibana, timidamente, começa a despertar para os problemas que a cidade possuía e começava a perceber que devia fazer algo para ajudar a população, portanto, foi no interior das instituições escolares que teve início as primeiras conversações sobre os problemas que afligia esse município, observarmos também as primeiras produções culturais da juventude parnaibana nas escolas.

4. A PRODUÇÃO CULTURAL DA JUVENTUDE NAS ESCOLAS DE PARNAÍBA

Nos anos 60, a questão da juventude no Brasil ganhou grande evidência exatamente pelo engajamento de jovens de classe média do ensino secundário e universitário na luta contra o regime militar. O movimento estudantil se organizou contra a ditadura pela defesa de um ensino de qualidade, por melhores condições de vida, pelo fim de todo tipo de censura e etc.

A juventude parnaibana, de certo modo, foi influenciada pelo movimento estudantil e pela cultura produzida nacionalmente, estas informações chegavam até essa juventude através do rádio, cinema, televisão, jornais e revistas. Enquanto no Brasil o jovem reivindicava por uma reforma universitária; em Parnaíba a reivindicação era por uma melhor qualidade de vida, “a juventude dos anos sessenta viveu de diferentes maneiras o sonho de engajamento, num momento em que qualquer questão, em qualquer lugar do planeta, ganhava interesse internacional (CASTELO BRANCO, 2005, p.74).

Os jovens parnaibanos também estavam sabendo do que acontecia no mundo e no país, essas notícias eram amplamente divulgadas pelos meios de comunicação, quase toda família parnaibana possuía um rádio que divulgava as principais informações que acontecia em âmbito mundial. Essas informações eram absorvidas e reproduzidas no ambiente escolar. A escola na cidade de Parnaíba era um dos lugares onde a juventude expressavam suas opiniões e aprendiam a manifestar-se culturalmente.

A educação nessa cidade recebeu pouco apoio, seja municipal, estadual ou federal, por isso, foram os empreendimentos particulares que deram o pontapé inicial para o desenvolvimento dela, depois algumas escolas públicas foram fundadas e conquistaram o seu espaço.

O Ginásio Parnaibano, fundado em 11 de junho de 1927, tinha o objetivo de oferecer a juventude um ensino secundário de qualidade que visava à preparação dos alunos que desejavam obter um curso superior. Até 1959 a cidade de Parnaíba ainda não tinha uma instituição de ensino público que atendesse ao ensino secundário e beneficiasse os jovens das camadas sociais menos favorecidas economicamente de uma formação educacional, entretanto, em 21 de novembro de 1959, foi assinada a lei nº 1892 que estadualizou o Ginásio Parnaibano. A partir de 1961 o colégio passou a chama-se Colégio Estadual Lima Rebelo tornando-se uma escola pública, a escolha desse nome (Lima Rebelo), deu-se por ele ser uma

peessoa bem vista e famosa na educação parnaibana e que participou da fundação do Ginásio Parnaibano. Segundo Mendes (2001, p.120), “o ginásio parnaibano e a escola normal funcionaram juntos desde suas fundações até 1961, quando foram encampados pelo governado estadual e ganharam prédios próprios na gestão do governador parnaibano Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, passando a denomina-se desde então Colégio Estadual Lima Rebelo e Escola Normal Francisco Correia”.

O colégio Estadual Lima Rebelo tornou-se bastante conceituado na área educacional no Piauí e fora do Estado, promovendo um elevado nível escolar e cultural em Parnaíba, marcando para sempre o município. As aulas no colégio começavam às 7 horas e a tarde às 13 horas ao adentrar no colégio o aluno deveria entregar sua carteira de frequência ao bedel, que era o fiscal do ensino. As aulas de educação física eram realizadas às 5h e 30min da manhã no Bairro da Coroa, onde atualmente é o Bairro do Carmo, além das disciplinas tradicionais havia também aulas de trabalhos manuais e de canto orfeônico. Para estudar no Ginásio era necessário fazer um exame de admissão, Renato Bacellar⁵ afirma que:

[...] quando eu fiz o exame de admissão no ginásio, foi para ingressar no ginásio parnaibano já ocupando aquele prédio chamado Miranda Osorio da Avenida Presidente Vargas, bem no início da Avenida Presidente Vargas com Avenida Chagas Rodrigues, muito bem e isso foi em 1957 e 58 e o governador do Estado logo da época foi um conterrâneo nosso Francisco das Chagas Caldas Rodrigues e coincidentemente era prefeito de Parnaíba neste mesmo período de quatro anos o seu irmão Jose Alexandre Caldas Rodrigues, foi quando ele governador, é, estadualizou quilo que antes se chamava de ginásio e colocou o nome de Colégio Estadual Lima Rebelo, Lima Rebelo foi um dos fundadores, é, do Ginásio Parnaibano, e meu pai Raul Furtado Bacellar, ele além de professor, ele era também fiscal do ensino e muito contribuiu para a educação de 2º grau na cidade de Parnaíba se tornasse pujante.

Alguns alunos do ginásio, dentre eles Renato Bacellar, atuavam no centro estudantil parnaibano que funcionava numa casa muito antiga ao lado de onde funciona hoje a Academia Parnaibana de Letras. Quando o Ginásio passou a se chamar Colégio Estadual Lima Rebelo, os alunos continuaram a participar ativamente das atividades escolares e culturais, os estudantes organizaram um grêmio cultural denominado Grêmio Estudantil Humberto de Campos que tinha como presidente Renato Bacellar, o grêmio possuía uma sala no interior do próprio prédio do colégio e era neste local que eles faziam suas reuniões, possuíam também um programa na Radio Educadora, cujo nome era “Desperta Juventude”.

⁵ Entrevista concedida a Vania Maria Silva Barboza, em 21 de dezembro de 2012.

Este programa era apresentado toda sexta-feira das 17h e 30min às 18h. Uma das reivindicações do programa foi para que a energia da barragem de Boa Esperança que começou a ser construída em agosto de 1964, chegasse a Parnaíba já em sua primeira etapa, Renato Bacellar relata que:

[...] nos fazíamos àquelas conversações e despertando sempre para assuntos de interesse da própria cidade e como tal nos tivemos em razão disto, em razão disto, nos também mantivemos um programa na Radio Educadora de Parnaíba, que se apresentava uma vez por semana, dia de sexta-feira das 17h e 30min, às 18h, que todas 18h de todo santo dia havia na Radio Educadora, o canto, a oração da Ave Maria, e o nosso programa que era um programa voltado para juventude, ele tinha esse título “Desperta Juventude”, então esse foi o nosso grande trabalho e nos lutamos também em benefício de Parnaíba para que a energia da barragem de Boa Esperança, é, já vinhesse em sua primeira etapa socorrer Parnaíba.

Como sabemos, a partir de 1964 tivemos um período de longa repressão que atingiu não só as grandes cidades, mas também as menores, como Parnaíba. Quando eclodiu o movimento militar ditatorial de 31 de março de 1964, Renato Bacellar encontrava-se em Parnaíba cursando o curso científico, ele permaneceu até o ano de 1965, quando concluiu o 2º ano do respectivo curso, que era um preparatório para ingressar na universidade. Nessa cidade ainda não havia faculdade, então o caminho para muitos jovens parnaibanos era estudar fora, mas enquanto permaneceu na cidade Renato e seus amigos continuaram reivindicando melhorias para o município. Esta reivindicação em favor de uma melhoria na qualidade de energia da cidade levou os alunos a organizarem uma passeata pelas ruas da cidade, Renato nos conta que “quantas vezes nos fizemos passeatas de vela acesa na mão percorrendo o trecho do Colégio Estadual Lima Rebelo, se juntando a nós os alunos da União Caixeiral e íamos até à Praça da Graça e lá em cima dos bancos nos discursávamos, nos lançávamos nosso protesto, nossa reivindicação”.

A televisão e o rádio contribuíram para divulgar os problemas que assolavam o país. Em Parnaíba, o rádio teve um papel muito importante na divulgação das notícias que aconteciam no país, e foi através do rádio que a sociedade ficou sabendo que os militares haviam assumido a Presidência da República, a população ouvia a Rádio Tupi, a Rádio Globo, do Rio de Janeiro, a Rádio do Jornal do Comércio, de Recife, a Rádio Difusora, do Maranhão, dentre outras e, assim, a população acompanhava todo o desenrolar dos acontecimentos. Além de divulgar as notícias que aconteciam em âmbito nacional, o rádio e a televisão proporcionava diversão ao divulgar músicas e programas. Para Renato Barcellar,

uma música que ele lembra até hoje foi “Carcara”, interpretada pela primeira vez por Nara Leão, no show “Opinião”, no Rio de Janeiro, em 1964, logo depois do Golpe Militar.

Os Festivais de Música, promovidos pela TV Record também influenciaram de alguma forma os jovens estudantes parnaibanos, que vibravam com aquelas músicas, porque para eles aquelas canções tinham uma mensagem significativa. Renato nos conta que:

[...] essas músicas nos influenciavam também, tanto que a gente que nos nossos, nos nossos encontros, nas nossas reuniões, eram reuniões de bate papo e a gente fazia assim, a gente chegava, por exemplo, dessa casa, nos estamos aqui perto da Rua Joani Falção, e bem aqui tem uma Escola Comercial, bem aqui, e tinha essa Escola Comercial mantida pela diocese, pela diocese, e lá, ainda hoje tem lá, ela não modificou-se não, lá tinha um salão, nos sentávamos no chão em forma de círculo e ali a gente começava a debater, temas, temas e cada um procurava dar o seu ponto de vista, era uma forma de politização, politização e ao termino dessas reuniões a gente cantava as nossas canções.

Após 1965, Renato Barcellar foi para Fortaleza, Rio de Janeiro e depois para Teresina, onde morou na casa do estudante pobre do Piauí, ainda continuou participando do movimento estudantil. Segundo Renato, em Fortaleza ele foi preso pelo 23º Batalhão de Caçadores uma unidade do exército, na quarta região militar com sede em Fortaleza, foi preso porque estava participando de um seminário que reunia estudantes do Ceará, Piauí e Maranhão. O seminário acontecia no prédio da faculdade de filosofia, que ficava próximo à reitoria, o exercito fez-se presente fechando todo o ambiente, prendeu vários estudantes, porém, logo foram liberados; em Teresina continuou participando do movimento estudantil, “[...] nós fazíamos assim, movimentos, passeatas, passeatas é, que tinham o cunho da reivindicação, o nosso compromisso em fim maior era reivindicação por melhorias tanto no ensino como um todo é, e também para as comunidades, as comunidades, as mais necessitadas, as mais sofridas [...]” (BACELLAR, 2012).

Outra escola que desponta no cenário educacional na cidade de Parnaíba era o Colégio Nossa Senhora das Graças, fundado em 1907, pela Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena. As famílias mais tradicionais e abastadas da cidade matriculavam suas filhas na escola que funcionava em dois turnos, manhã e tarde, possuía o regime de internato, semi-internato e externato; pela manha eram ministradas as aulas das disciplinas tradicionais (Português, Matemática, História e etc.), o período da tarde era destinado as aulas de prendas domésticas, música e canto.

O colégio foi conquistando espaço e transformou-se em uma referência na educação parnaibana. Esta instituição tinha o objetivo de formar as moças da cidade, o trabalho da escola era voltado para a formação moral, intelectual e religiosa das alunas.

[...] educação só de meninas, não era misto como hoje, mas um colégio disciplinado, trabalhando a parte espiritual, social, educacional, o pedagógico, muito cuidadoso, e a entrada do colégio era 15min para as 7h, era impreterivelmente estarem todas fardadas para cantar o hino nacional, para rezar, fazer as orações do dia, né, existia uma disciplina tanto religiosa, quanto a disciplina moral de valor, né, e que nos conseguimos adquirir ao longo de nossa vivência escolar (BRANCO, 2013).

A cultura sempre esteve muito presente no colégio Nossa Senhora das Graças, também conhecido como Colégio das Irmãs, as freiras incentivam as alunas a se dedicarem ao teatro, à música, dentre outras atividades culturais. Uma das atividades da escola era aula de canto orfeônico, faz-se necessário relatar que este canto estava presente no currículo de várias escolas parnaibanas. Valéria Carvalho⁶ relata que: “tinha teatro, dramatização, o ensino, do próprio currículo escolar, existia o canto orfeônico que já era uma proposta diferente”.

Uma das freiras da instituição era uma grande pianista e incentivou as alunas do colégio, dentre elas, Valéria Carvalho, ex-primeira dama da cidade a montar uma banda na escola, ela tinha ganhado uma guitarra de seu pai e resolveu montar uma banda que era formada por alunas do próprio Colégio das Irmãs, a banda chamava-se “Colegiais no Ritmo” sendo fundada por volta de 1965 e desfez-se por volta de 1970, quando as alunas terminaram seu curso e alguns integrantes mudaram-se da cidade, os ensaios eram realizados no auditório do colégio e, posteriormente, na casa de Valeria.

A banda começa a fazer sucesso na escola, as meninas queriam apenas divertir a população com algumas músicas que tornaram-se marcas registradas de uma época, segundo Valéria Carvalho receberam apoio da escola, apesar de todo o conservadorismo da instituição, entretanto, quando Benilce uma das integrantes da banda saiu do grupo, a banda ficou sem um componente e quem ficou no lugar de Benilce foi um rapaz chamado Paulo Bastos, além de participar da banda ele também ensinou as meninas a tocar bateria, no início sofreu certa resistência, pois, naquela época, era inconcebível um homem participar das atividades do colégio, mas depois de vários pedidos das alunas as freiras aceitaram que ele participasse.

Com a saída de Benilce, foi chamado para ocupar o seu lugar um garoto de nome Paulo Bastos, passando a ser o único homem num local

⁶ Entrevista concedida a Vania Maria Silva Barboza em 15 de Janeiro de 2013.

predominantemente ocupado por meninas. A resistência das religiosas em princípio foi muito grande, pois aquela época, em 1965, “não ficava bem um homem adentrar um colégio de freiras”. Entretanto, as meninas conseguiram convencê-las e os ensaios prosseguiram normalmente. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1996, p. 184).

A banda inspirou-se em vários cantores e cantoras dos movimentos existentes naquela época dentre eles, Tropicália, Bossa Nova, Jovem Guarda, portanto, a banda ensaiava e tocava suas músicas influenciada pelos movimentos culturais da época. Valeria Carvalho afirma que:

Por todo esse movimento, dessa influencia musical, dos grandes momentos que os anos 60 estavam passando, da Tropicália, da Bossa Nova e surgiu os grandes festivais e a presença de Gilberto Gil, Caetano Veloso, outras influencias foram chegando também no nosso município ainda de forma muito lenta, mas que não deixou que nos tivéssemos também participação disso, na nossa vida, influenciou muito na nossa juventude de certo ponto para mim muito favorável.

[...] a banda tocava Tropicália, tocava Jovem Guarda, nessa época surgiu a Jovem Guarda, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderleia, um grupo novo também de jovens brasileiros que também tiveram essa participação muito forte nessas mudanças de comportamento da juventude com relação a cultura musical, e , eu tinha, no colégio existia também, é, uma, a presença da própria freira da instituição que também trabalhava conosco e ensinava canto, ela também era uma grande pianista e na época ela incentivou e muito as estudantes a se dedicar a música, a se dedicar a corais, a teatro, dramatizações, antigamente existia o coro falado.

A banda apresentava-se no colégio durante as datas comemorativas e também em outras escolas, quando era convidada. Uma das primeiras apresentações da banda do Colégio das Irmãs aconteceu na AABB, naquela época a AABB funcionava onde hoje é o Prédio da Caixa Econômica Federal, na Praça da Graça. Percebemos que a cultura de Parnaíba concentrava-se em torno da praça, pois além da AABB, existia também o Cine Ritz, que durante um bom tempo foi concorrente do Cine Éden. Então a banda apresentou-se na AABB, no intervalo da apresentação de outra banda os “Piratas do Ritmo”.

A primeira apresentação pública do conjunto de Colégio das Irmãs deu-se na AABB, durante o intervalo de uma das Tertúlias animadas pelo “Piratas do Ritmo”. Essa performance foi assistida por todos os integrantes d “Os Bárbaros”, inclusive o seu responsável junto ao SESC, Antônio (Tonga) de Pádua Cunha de Miranda, funcionário do Banco do Brasil que, em coro uníssono aos presentes, aplaudiu de pé o conjunto do Colégio das Irmãs. Aquela seguiram-se outras apresentações, sempre de maneira informal, ou seja, nos intervalos d “Os Piratas do Ritmo”, até a definitiva, no Ginásio São Luís Gonzaga- O instituto- para uma plateia de formandos do estabelecimento, em seu auditório (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1996, p. 185).

Observamos que as práticas culturais nessas duas escolas estavam presentes no cotidiano dos alunos e alunas. Através das entrevistas realizadas percebemos que havia apoio da direção das duas escolas que incentivaram a classe estudantil a participar ativamente das atividades culturais existentes na escola, visto que, uma das disciplinas ofertadas nas duas escolas era o canto orfeônico, esta disciplina despertou o interesse dos alunos para aprender outros ritmos e assimilar um pouco do que estava sendo produzido no país, portanto, observamos que essas aulas de canto proporcionava aos educandos uma participação efetiva na sociedade, essas apresentações eram muito importantes, pois mostrava que a escola apoiava seus alunos em suas práticas culturais.

Além de proporcionar um ensino das disciplinas obrigatórias, também propiciava o aprendizado de algumas práticas culturais, pelo menos as oficiais, que eram muito importantes para todos os estudantes. Sobre a relação entre as práticas culturais e o seu significado atribuída a elas pelas pessoas, Certau (1995, p.141) afirma que: “[...] para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas praticas sociais tenham significado para quem as realiza [...]”.

Portanto, podemos dizer que a cultura nas escolas de Parnaíba, apesar de a década em questão ter sido bastante difundida, algumas vezes foi influenciada pelas manifestações da juventude brasileira, visto que a manifestação em prol da qualidade de energia elétrica na cidade de Parnaíba assemelhava-se um pouco com a luta dos jovens brasileiros, não tinham os mesmos motivos do movimento estudantil, mas influenciados por eles. A cultura também influenciou no cerne escolar, observamos que a banda das meninas do Colégio das Irmãs sofreu influências dos grupos musicais brasileiros, visto que essas garotas sabiam tocar bateria, guitarra e etc., isso era algo inédito na sociedade Parnaibana, pois naquela época a mulher era educada para cuidar do lar, aprender prendas domésticas e casar, a banda das meninas do Colégio das Irmãs, portanto, revolucionou o cenário escolar parnaibano, pois elas recebiam apoio da escola, afinal a banda era só uma forma de divertimento para as moças, elas não almejavam mudanças, queriam apenas entreter a população com sua música.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta pesquisa intitulada “ Cultura e participação juvenil na cidade de Parnaíba nos anos sessenta” teve como objetivo principal compreender se os movimentos culturais como, o teatro, a Tropicália, a Jovem Guarda, e os festivais de música que aconteceram em âmbito nacional influenciaram a juventude parnaibana em suas práticas culturais, visto que na década de 60 tivemos momentos de intensa repressão, onde era complicado manifesta-se, pois qualquer peça teatral ou música que tivesse um conteúdo considerado ofensivo contra o regime militar era sumariamente retirada de circulação. Partindo dessas indagações, buscamos a historização da cultura na cidade parnaibana e se, possivelmente sofreram influencia da efervescência cultural que ocorreu na década de sessenta no eixo Rio-São Paulo. Em Parnaíba observamos que isso não aconteceu, a juventude parnaibana tinha liberdade para manifestasse culturalmente.

Sabemos que uma produção cultural está diretamente relacionada com a sociedade na qual está inserida. A sociedade participava ativamente das atividades culturais que era produzida pela juventude parnaibana. Esta produção cultural tem início primeiramente a partir de peças teatrais e de algumas bandas de música e, posteriormente, nas escolas, onde as práticas culturais de alguns jovens parnaibanos foram ganhando espaço. As escolas relacionadas nessa pesquisa mostraram que apoiavam seus estudantes a praticar sua cultura no âmbito escolar, isso pode ser observado através das entrevistas realizadas, esse apoio acontecia, desde a participação da juventude em grêmios, peças teatrais, nas aulas de canto orfeônico como também apoiaram quando um grupo de meninas de um colégio católico, no caso o Colégio das Irmãs, resolveu montar uma banda e apresentar-se diante de toda a sociedade; já os jovens do Colégio Estadual que saíram as ruas em busca de uma melhor qualidade de vida. Observamos que esses jovens estavam buscando melhorias para a população. Logo, a banda proporcionava diversão, enquanto os alunos buscavam uma melhor qualidade de vida.

As informações cedidas pelos entrevistados e acesso a fontes como jornais, livros, almanaques e revistas possibilitou compreender a produção cultural da juventude parnaibana, a partir da classe estudantil e das praticas culturais existente na cidade e nas escolas.

Por fim, realizar um estudo pioneiro sobre a produção cultural da juventude parnaibana, e oferecer uma leitura alternativa sobre as práticas culturais existentes naquela

década, pode ser um esforço investigativo que não termina neste trabalho, pois essa pesquisa monográfica pode suscitar novos estudos envolvendo essa temática, assim como ajudar na compreensão de outras investigações. A história da produção cultural da juventude pode renovar-se e utilizar novos métodos a partir de estudos como este.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. ARTIGOS DE JORNAIS E REVISTAS

Almanaque da Parnaíba, 1996.

Almanaque da Parnaíba, 2004.

Jornal do Brasil – 1968

Jornal Norte do Piauí -1969

Jornal Terra Norte – 2004

2. BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Maria Elita Santos de. **Parnaíba, o Espaço e Tempo**. Parnaíba, Sieart, 2002.

BARROS, Jesualdo Cavalcanti. **Tempo de contar (o que vi e sofri nos idos de 1964)**. Teresina, Gráfica do Povo, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis. Rio de Janeiro. 2004.

BARROS, Jose D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERLINCK, M.T. **O Centro Popular de Cultura da UNE**. Campinas: Papyrus, 1984.

CAMPELO, Ací. **O novo Perfil do Teatro Piauiense**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

CARMO, Paulo Sergio do. **Cultura da Rebeldia, A juventude em Questão**. 2ª. ed, São Paulo: Senac, 2000.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de paupéria: Torquato neto e a invenção da Tropicália**. São Paulo: Annablume, 2005.

CASTRO, Rozenilda. **História do teatro em Parnaíba: 1989 a 1999**. Parnaíba. 2000

CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. **Juventude em movimento: um estudo sobre a constituição do Movimento Estudantil como uma categoria histórica**. Dissertação de mestrado apresentada no curso de pós-graduação em Historia do Brasil, da Universidade Federal do Piauí Teresina, UFPI, 2007.

CERTAU. Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, São Paulo. 1995.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedades**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. **Cultura e participação nos anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LUCY, Dias. **Anos 70: enquanto corria a barca**. São Paulo: Editora. Senac. 2003.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. **Historia de Educação Piauiense**. Sobral: Egus. 2012.

NASCIMENTO JUNIOR, Vamberto Marinho. **Ditadura militar e repressão política na cidade de Parnaíba entre os anos de 1964 a 1985**. Monografia apresentada a Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PEREIRA, Carlos A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PEREZ, Gomes. **A cultura na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artemed, 2000.

SANTOS, Gersávio; KRUEL, Kenard. **História do Piauí**. Teresina: Halley/Zodíaco, 2009.

3. ENTREVISTAS

BACELLAR, Renato Araribóia de Brito, RG. 775. 73. Profissão: Advogado/Professor. Filiação: Raul Furtado Bacellar e Neusa da Cunha Brito. Nacionalidade: Brasileira. Parnaíba, 20 de dezembro de 2012. Entrevista concedida à Vania Maria Silva Barboza para a monografia de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História-UESPI/PARNAÍBA.

BRANCO, Valeria de Carvalho Castelo, RG. 88.583. Profissão: Professora. Filiação: Carlos Furtado de Carvalho e Spís Fontenele de Carvalho. Nacionalidade Brasileira. Parnaíba, 15 de janeiro de 2013. Entrevista concedida à Vania Maria Silva Barboza para a monografia de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História-UESPI/PARNAÍBA.

APÊNDICES

**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM RENATO ARARIBOIA DE BRITO
BARCELLAR**

1. Qual o seu nome?
2. Quando e onde você nasceu?
3. Quando você começou a estudar no colégio? Você lembra o ano e sua idade? E quando terminou?
4. Você lembra se passou se passou por alguma forma de seleção para poder estudar no colégio?
5. O colégio era uma instituição privada?
6. Como era o bairro onde o colégio se localizava?
7. Em relação ao prédio do colégio você lembra se era amplo?
8. O que você mais lembra sobre o prédio?
9. Como era o momento de entrada no colégio? E o da saída?
10. Você lembra como se vestia para ir ao colégio?
11. Você tinha muitos amigos? Homes e mulheres?
12. Qualquer pessoa podia estudar lá ou tinha alguma forma de seleção dos alunos?
13. Como eram as festas no colégio?
14. Existia algum grêmio estudantil no colégio?
15. Como você gosta de escrever, havia algum jornalzinho no colégio? Se havia você participava de que forma?
16. Na década de 60 houve vários acontecimentos importantes você lembra algum?
17. Lembra quando os militares assumiram a presidência? Como era o clima na pequena cidade de Parnaíba?
18. Quais eram os principais professores? O que você mais lembra em relação a eles?
19. E no colégio como eram as aulas? Como os professores se comportavam durante esse período em que o governo militar assumiu a presidência?
20. Havia algum movimento dos estudantes, algo relacionado com o movimento estudantil, por exemplo?
21. No colégio havia alguma atividade cultural?
22. Os alunos sofreram alguma influencia das atividades culturais da época? Teatro de agitação, canção de protesto e etc.?
23. Você ou seus amigos sabiam da existência de movimentos culturais como a tropicália?
24. Qual o estilo de musica predominante na época?
25. E no cinema? Que tipo de filme você ou seus amigos assistiam?

26. Em resumo como você se divertia nesta época?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM VALERIA DE CARVALHO CASTELO BRANCO

1. Qual o seu nome?
2. Quando e onde você nasceu?
3. Quando você começou a estudar no colégio? Você lembra o ano e sua idade? E quando terminou?
4. O colégio era uma instituição privada?
5. O que você mais lembra sobre o prédio?
6. Como era o momento de entrada no colégio? E o da saída?
7. Você lembra como se vestia para ir ao colégio?
8. Você tinha muitos amigos? Homes e mulheres?
9. Qualquer pessoa podia estudar lá ou tinha alguma forma de seleção dos alunos?
10. Como eram as festas no colégio?
11. Existia algum grêmio estudantil no colégio?
12. Na década de 60 houve vários acontecimentos importantes você lembra algum?
13. Lembra quando os militares assumiram a presidência? Como era o clima na pequena cidade de Parnaíba?
14. E no colégio como eram as aulas? Como os professores se comportavam durante esse período em que o governo militar assumiu a presidência?
15. Havia algum movimento dos estudantes, algo relacionado com o movimento estudantil, por exemplo?
16. No colégio havia alguma atividade cultural?
17. Os alunos sofreram alguma influencia das atividades culturais da época? Teatro de agitação, canção de protesto e etc.?
18. Você ou seus amigos sabiam da existência de movimentos culturais como a tropicália?
19. Qual o estilo de musica predominante na época?
20. E no cinema? Que tipo de filme você ou seus amigos assistiam?
21. Em resumo como você se divertia nesta época?

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE

DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: RENATO ARARIBOIA DE BRITTO BACELLAR
nacionalidade: BRASILEIRO, estado civil CASADO profissão,
ADVOGADO/PROFESSOR portador da cédula de identidade RG/Cédula n°
775/73, emitida pela OAB - PIAUÍ, domiciliado e residente na
Rua / Av. / Praça Rua Celso Rodrigues, 217, bairro S. José - PARNÁIBA de filiação
pai RAUL FORTADO BACELLAR, e
mãe NEUSA DA COXHA BRITTO.

CESSIONÁRIO: Vânia Maria Silva Barboza, RG: 1.991.736, estabelecida na Av. Armando Cajubá n° 3209 Bairro Rodoviária.

OBJETIVO: Entrevista gravada para a monografia de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI / PARNÁIBA.

DO USO: Declaro ceder a Vânia Maria Silva Barboza sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade de PARNÁIBA - PIAUÍ, em 30/12/2012, num total 53' MIN tempo gravado. Vânia Maria Silva Barboza fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins culturais o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Parnaíba, 30 de dezembro de 2012

Renato Arariboia de Britto Bacellar

Assinatura do Depoente / Cedente

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE

DEPOIMENTO ORAL

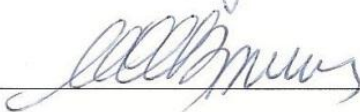
CEDENTE: Valeris de Carvalho Castello Branco
nacionalidade: brasileira, estado civil casada profissão,
professora portador da cédula de identidade RG/Cédula n°
88.583-PI, emitida pelo SJSP-PI, domiciliado e residente na
Rua / Av. / Praça Rua: Albertus F. C. Branco, 300 de filiação
pai Carlos Furtado de Carvalho, e
mãe Spir Fontenele de Carvalho.

CESSIONÁRIO: Vânia Maria Silva Barboza, RG: 1.991.736, estabelecida na Av. Armando Cajubá n° 3209 Bairro Rodoviária.

OBJETIVO: Entrevista gravada para a monografia de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI / PARNAÍBA.

DO USO: Declaro ceder a Vânia Maria Silva Barboza sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade de Parnaíba, em 15/01/2013 num total 15 min tempo gravado. Vânia Maria Silva Barboza fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins culturais o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Parnaíba, 15, jan de 2012



Assinatura do Depoente / Cedente